

PREOCUPAÇÃO NOS EUA

Daniela Mendes
Correspondente
Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

Nova York — O Brasil continua gerando incertezas mundo afora. Mesmo com a aprovação, pelo Congresso Nacional, da contribuição dos inativos — um dos pontos-chave do ajuste fiscal reivindicado pelos investidores —, na noite de quarta-feira, a forte queda nas bolsas brasileiras, ontem, e a contínua desvalorização do real afetaram negativamente os mercados internacionais.

Influenciado pela baixa nas ações de empresas de tecnologia e pelo Brasil, o índice Dow Jones, o mais importante da bolsa de Nova York, fechou em 71,83 pontos negativos,

ou menos 0,77%. No mercado de moedas, o dólar caiu em relação ao euro. “O Brasil é, definitivamente, uma nuvem em cima da nossa festa aqui nos Estados Unidos”, disse Bryan Piskorowsky, analista de mercado da Prudential Securities.

A economia norte-americana atravessa um dos momentos de maior prosperidade dos últimos anos, mas teme-se que a crise brasileira possa arrastar outros países latino-americanos e causar danos aos Estados Unidos — cerca de 20% das exportações dos EUA vão para a América Latina.

As bolsas latino-americanas também sentiram duramente os efeitos da baixa na Bovespa. Na Argentina, o índice Merval caiu 6,15% e no México a bolsa fechou em queda de 1,09%. “Há muita preocupação com

essas economias que estão muito próximas da nossa e podem iniciar uma rodada de desvalorizações”, resumiu Bill Meehanb, analista-chefe de mercado da Cantor Fitzgerald.

William Poole, presidente do FED de Saint Louis, um dos braços regionais do BC norte-americano, alertou para o fato de que a situação brasileira é potencialmente muito mais séria para os EUA do que a da Rússia. No ano passado, após a quebra da Rússia, em agosto, o FED reduziu os juros nos Estados Unidos três vezes entre setembro e novembro, o que fez o dinheiro circular pelos mercados novamente.

O índice Dow Jones chegou a cair 105 pontos com os rumores de que a China desvalorizaria a moeda e Hong Kong poderia abandonar seu sistema de *currency board*, de pari-

dade fixa com o dólar. Ambas informações foram negadas por autoridades financeiras, mas o dólar fechou em alta em relação ao iene por causa dos boatos.

As dúvidas dos analistas internacionais sobre o futuro da economia brasileira já começam a alimentar nova incerteza sobre as contas do país. A decisão do governo de manter os juros altos (32,5% ao ano) para combater a volta da inflação levanta suspeitas de grandes bancos sobre a capacidade do país de honrar sua dívida interna de R\$ 370 bilhões.

Na meca do capitalismo mundial, é proibido falar em moratória, mas se prevê ali que, diante do agravamento da crise, o governo poderá enfrentar dificuldades na hora de pagar alguns credores, como fundos de pensão, fundações,

empresas, instituições financeiras nacionais e estrangeiras.

Para Jorge Mariscal, diretor do banco Goldman & Sachs, o mercado acredita que pode-se tornar inevitável a “reestruturação” do débito interno do Brasil. Cerca de 64% desse passivo é reajustado pela variação dos juros overnight (32,5%). “O país enfrenta problemas cambiais sérios. O governo poderá usar a política monetária para conter a subida do dólar. A medida seria necessária, mas ela aumentará o estoque da dívida”, comentou.

Além da variação de quase dois terços da dívida pelos juros básicos, 21% do débito (quase R\$ 77 bilhões) oscilam de acordo com a queda ou subida do dólar. Como a desvalorização do real chegou a 37% nos últimos oito dias, esse passivo já au-

mentou neste período R\$ 28 bilhões. “O fortalecimento da moeda norte-americana em relação ao real aumentou as dificuldades do governo em controlar a expansão do seu débito interno”, afirmou Mariscal.

Tentar reescalonar a dívida de R\$ 370 bilhões, contudo, afetaria gravemente a credibilidade do país junto à comunidade financeira internacional. Traumatizados com a Rússia, que declarou uma moratória de US\$ 40 bilhões, se o Brasil arriscasse uma renegociação da dívida interna muitos bancos europeus e norte-americanos poderia deduzir que o País poderia estar se preparando também para dar um calote na dívida externa, que chega a US\$ 230 bilhões. Cerca de US\$ 160 bilhões foram empréstimos contraídos por empresas privadas.